

Conclusão

Sueli Andruccioli Felix

Como citar: FELIX, S. A. Conclusão. *In* : FELIX, S. A. **Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias**. Marília: Marília-Unesp-Publicações, 2002. p.135-140. DOI: <https://doi.org/10.36311/2002.85-86738-23-9.p135-140>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CONCLUSÃO

A violência está arraigada na natureza do homem e do animal, sendo portanto inútil suprimi-la mas possível transformá-la em positiva e estimular a energia criadora dos seres humanos, direcionando-a a outras atividades como esportes e competições. As tendências que levam o homem a cometer homicídios são inerentes unicamente aos seres humanos, uma vez que os animais da mesma espécie não se matam entre si.

Konrad Lorenz⁴⁴

Por muito tempo, fazer Geografia Urbana era analisar o crescimento demográfico e a expansão espacial das cidades, identificar suas funções econômicas e seu nível de difusão para outros espaços no contexto do sistema econômico. As confrontações e as questões de desorganizações sociais ocorridas em seu interior, incluindo-se a criminalidade, eram preocupações exclusivamente de sociólogos e criminólogos. Porém, se a Geografia é uma ciência preocupada com o planejamento urbano metropolitano e a criminalidade vem provocando um grande rearranjo ambiental, com o surgimento de novos espaços defensivos, ela não pode ficar à margem do problema criminal.

Apesar de a Criminologia ter atraído uma pluralidade de disciplinas, ao longo dos seus dois séculos de existência, com sua temática amplamente explorada em associação com diversas outras ciências da sociedade, poucos geógrafos se dedicaram ao estudo criminal. Um inventário em três revistas sociológicas e 11 geográficas, para os anos de 1970-88, mostrou a grande preocupação da Sociologia e o caráter recente da investigação geográfica.⁴⁵ Para um total de 788 revistas geográficas, foram encontrados apenas 25 (3,17%) artigos sobre o tema, enquanto a participação relativa da Sociologia foi exponencialmente maior:

⁴⁴ Citado por LERNELL, L. (1979, p.11).

⁴⁵ A escolha do período de 1970-88 deve-se ao fato das primeiras publicações da Geografia serem do início da década de 1970 e ser um inventário realizado para uma dissertação de mestrado defendida em 1989 (FELIX, 1989). As revistas de Sociologia inventariadas foram: American Sociological Review, The British Journal of Sociology e Sociological Inquiry. As revistas de Geografia foram: The Journal Of Geography, The Professional Geographer, Geographical Review, Regional Studies, Finisterra, Economic Geography, Geoforum, Annals of the Ass.Amer.Geog., Scottish Geog. Magazine, Revista Brasileira de Geografia e Revista de Geografia. Todas essas revistas trouxeram pelo menos um artigo sobre o assunto.

de 240 revistas, 91 (38%) trouxeram um artigo sobre crime. Ainda hoje, 2002, é um tema quase inexplorado nas investigações geográficas brasileiras, com pouquíssimas publicações científicas em nossa língua-mãe. Isso explica a enorme quantidade de publicações estrangeiras e a necessidade de recorrermos a tantas matérias jornalísticas para informações estatísticas.

O nosso principal objetivo foi compreender o fenômeno criminal nos seus mais diversos aspectos: social, econômico, político, demográfico; e a sua relação à grande preocupação da Geografia, *a organização do espaço e o futuro do homem*. Essa organização espacial vai além da questão física, alcança as variações sociais, e a sua compreensão pode direcionar políticas de planejamento que contemplem a qualidade de vida. Compreender a dinâmica espaço-criminal não significa simplesmente detectar os espaços do crime e as características do criminoso para ações repressivas. Significa, antes de tudo, entender os processos operacionais do crime para antecipar-se à ocorrência, prevenindo-o.

A manifestação espacial do crime modifica os valores e as percepções espaciais, deteriora os espaços urbanos, altera os níveis de concentração ou esvaziamento e cria espaços de medo. A relação crime e insegurança (medo de tornar-se vítima) determina uma geometria sócio-espacial urbana que ultrapassa as classes sociais e as condições físicas do ambiente, relacionando-se especialmente ao modo como as pessoas sentem o ambiente urbano com as suas contradições. O espaço urbano, apesar de coletivista, é essencialmente individualista e, em alguns casos, restrito a certos segmentos da população, como os *shoppings*, os clubes sociais e, até mesmo, alguns hospitais. As baixas densidades demográficas das áreas centrais das grandes cidades representam outra contradição do espaço urbano que merece investigação: elas resultam da deterioração sócio-espacial e do aumento da criminalidade, ou, a criminalidade é que resulta das baixas densidades (pouca vigilância informal) e da deterioração sócio-espacial?

Sem dúvida, não é o espaço um gerador de problemas de *per se*, porém, existem concentrações de crimes e de criminosos,

e a identificação desses espaços, geográfica e socialmente delimitados, propicia a intervenção do poder público e o desencadeamento de programas “ressocializadores” e preventivos em ambos os segmentos: criminoso e vítima. Políticas democráticas de segurança pública não devem limitar-se à ação repressiva, mas integrar ações sociais de prevenção tão multiformes quanto a violência que se deve combater. A prevenção deve pautar-se por políticas que intervenham positivamente nas causas últimas da violência que são o esfacelamento das relações sociais e a carência de atendimento às necessidades básicas e de outros serviços que valorizem a cidadania.

Entretanto, deve-se ter o cuidado de não se atribuir desmedida relevância etiológica ao meio físico, como fazem os adeptos dos programas de prevenção criminal por meio da reestruturação urbana: teoria do espaço defensivo (*Defensible Space*). De um modo geral, eles se detêm à questão ambiental física em detrimento da dimensão social, das causas reais da criminalidade que são profundamente sociais. Programas de base exclusivamente espacial (de área) podem favorecer a prevenção temporária do delito, deslocando-o para outras áreas, mas não agem na raiz da questão criminal. Paradoxalmente, esses programas estão originando novas modalidades de crimes, criminosos mais refinados, e o desenvolvimento de técnicas ofensivas mais elaboradas que dificultam a ação da polícia. A criminalidade tem evidenciado uma surpreendente capacidade de transformação e de adaptação.

Uma deficiência dos estudos criminais, também notada entre os geógrafos, é a utilização das estatísticas criminais sem críticas, como se as taxas fossem por si mesmas um fato social. É preciso pensar o controle social como um elemento constitutivo do comportamento desviante, pesquisando-se os controladores da mesma forma que os controlados.

Enfim, a participação da Geografia nos estudos criminais não tem como objetivo principal encontrar soluções para um problema que é universal e tem resistido aos mais diversos programas preventivos e “curativos”, desenvolvidos em países com condições sócio-políticas e econômicas mais diversas. Contudo,

inserir em seu campo de estudo a criminalidade pode ser altamente produtivo para a compreensão das causas e, mesmo que não se proponham soluções, questionar o problema de forma global e suas implicações sócio-demográficas já é altamente produtivo para futuros estudos.

Ao longo deste trabalho várias questões foram propostas implícita ou explicitamente. Enquanto muitas delas foram respondidas, outras restaram como sugestões para estudos posteriores. Mas, conforme argumenta Guidugli (1980, p. 452), investigar é isto, “é ser capaz de propor questões adequadas, de manusear respostas, mesmo que parciais e, principalmente, de reconhecer, ao final de uma investigação, que somente novas questões é que tornam possível encerrar um trabalho, projetando essas indagações para o futuro. Fazemos Geografia do passado, do presente ou para o futuro?”. Essa indagação sintetiza a relevância do trabalho acadêmico: o conhecimento da dinâmica atual para a construção de um futuro melhor.

O desenvolvimento prático das teses abordadas neste estudo se fez com outra pesquisa de relevância social, na qual realizamos uma análise minuciosa de um espaço relativamente pequeno, Marília, uma cidade média do interior do Estado de São Paulo. O objetivo foi trabalhar diretamente com as fontes e fazer inventários alternativos e análises paralelas, com todas as peculiaridades elencadas em ampla bibliografia, como essenciais para um estudo mais aprofundado. A expectativa foi evitar possíveis anomalias, que são tão comuns quando se agregam informações estatísticas e geográficas, em análises de grandes metrópoles. Este próximo empreendimento, concentrado em espaço urbano menor, pretende ser um passo a mais, na concepção das oportunidades possíveis da Geografia do Crime, para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar do indivíduo e da coletividade, neste conturbado início de século e de milênio.